

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

VERCOUTTER (Jean). — *O Egito Antigo. Coleção "Saber Atual"*, tradução de Francisco G. Heidemann. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1974, 121 páginas. 1 mapa fora do texto, 1 ilustração de hieróglifos, 1 volume nº 164 (12 x 18.5 cms). Título do original francês: *L'Egypte Ancienne* (Col "Que sais-je?", nº 247).

A Coleção "Saber Atual" consegue realizar tarefa relevante, publicando obras de valor científico, numa apresentação despretenciosa e usando uma linguagem simples capaz de satisfazer o grande público, e, ao mesmo tempo atender o especialista sequioso de uma síntese científica e objetiva somente possível através de uma exposição didática.

Esta atitude é patente no trabalho do professor Vercoutter, da Universidade de Lille (França), que demonstra uma sensibilidade didático-científica muito acurada, ao discorrer sobre a antiga civilização egípcia. Divide o livro em duas partes fazendo inicialmente uma digressão sobre o país, o povo, sua linguagem e escrita, para, na segunda parte visualizar a evolução histórica inserida num contexto sócio-político.

Enfocando, na primeira parte *O Egito no Tempo e no Espaço*, tece considerações sobre peculiaridades dessa civilização, salientando a importância do surgimento da cultura no próprio meio e as influências resultantes, e ao mesmo tempo suscita problemas, sugerindo um estudo aprofundado da influência exercida pelo clima desértico sobre o homem egípcio.

Na segunda parte, faz o autor a abordagem da *História do Egito* em três capítulos, desvinculando-se da periodização tradicional, seguida geralmente por aqueles que escreverem sobre o tema.

O primeiro capítulo intitulado "os séculos obscuros" enfoca a época pré-dinástica e o período tinita. No período eneolítico já vislumbra a problemática que marcará o povo egípcio, chamando atenção para a inovação da forma retangular introduzida nas habitações e imediatamente transpostas às sepulturas pelo fato de serem estas consideradas "moradas", e a mais longa delas. Encontram-se aí esboçados os fundamentos da instituição religiosa funerária egípcia. Ao tempo em que aprecia a cultura material e suas características, destaca a diferença entre o norte e o sul delineando o porque da existência dos dois reinos primitivos.

O capítulo seguinte trata de "O Egito clássico", ponto em que inova a divisão tradicionalmente conhecida por abranger da III à XIX dinastias, envolvendo portanto o Antigo, Médio e Novo impérios. Destaca a ausência de mudança

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

brusca na transição da II para a III dinastia e o progresso por esta ultima alcançado, principalmente na arquitetura. No desenrolar da evolução política, tece considerações sobre os soberanos mais marcantes de cada dinastia, não desprezando os diversos enfoques, ao tempo em que analisa as causas e consequências dos longos períodos de crise.

O terceiro capítulo aborda "a decadência", onde o Egito e as potências contemporâneas são inseridos em um contexto, e as hordas migratórias que ameaçam o vale do Nilo são associadas a outras movimentações de povos, sobretudo grupos indo-europeus e sua penetração na Ásia, Grécia, e África, relacionados portanto dentro de um mesmo quadro político. Inicia-se a desagregação política com poucos soberanos realmente valorosos e aos bons governos seguem-se longos períodos de caos, assinalados por usurpações e retomadas do cetro, onde fica bem vizível a disputa pelo poder entre faraós e sacerdotes. Finalmente é o Egito conquistado sucessivamente por assírios, persas e macedônicos. Sob estes últimos termina a história desse povo, sendo incorporados ao mundo mediterrâneo e a sua extinção como civilização.

A obra apresenta uma cronologia das trinta dinastias, contendo também uma bibliografia sumária de livros gerais em língua francesa.

No conjunto oferece uma boa síntese da história egípcia, enriquecida com uma interpretação que se torna minudente nos períodos de crise, quando a documentação é escassa, e mais superficial após o enfoque da história factual. No que se refere a divisão da história, mutio válida nos parece a organização dada, rompendo antigos conceitos, e embora não introduza mudança basilar, sublinha a fragilidade da periodização clássica. É conciso na apresentação de problemas como "quem foi Quéops, Quéfrem e Miquerinos? De onde vem a idéia de que eram tiranos? Existiu feudalismo no Egito? Por que no Novo Império tornou-se necessário a mudança da capital para perto do delta? Antes de sugerir respostas, aguça a curiosidade do leigo e leva o investigador a extrair conclusões próprias.

Ao perquerir sobre a reforma de Akhenaton, não despreza o sentimento religioso do faraó, mas também estabelece elo com a política, mostrando as vantagens da deposição do clero de Amon. E, em um estudo sistematizado aprecia até o final da evolução, as modificações que se operam no espírito religioso do povo, aludindo aos poemas cantados nos banquetes

"... faz o que te dá prazer na terra até o dia da morte, porque o deus da morte não ouve lamentações nem clamores, não li-vra ninguém do mundo do alem" (pág. 1 15).

A obra, por todas as considerações feitas, é recomendável como uma leitura introdutória ao tema e de alcance para futuras pesquisas pelas sugestões que oferece.

MARIA MARTHA PIMENTEL DE MELLO

*

*

*